

Educação Ambiental e a vivência sapatão: uma possibilidade para a ampliação dos Fundamentos da Educação Ambiental a partir da Reprodução Social

SOPHIA HIRIART PORTO ALEGRE¹; TAMIRES LOPES PODEWILS³

¹Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – sophia.hpoa2@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – podewils.t@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo aborda a pesquisa de mestrado intitulada “Educação Ambiental e a vivência sapatão: uma possibilidade para a ampliação dos Fundamentos da Educação Ambiental a partir da Reprodução Social” que está sendo elaborada no Programa de Pós - Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), na linha de pesquisa de Fundamentos da Educação Ambiental (FEA). O estudo é um desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Seres como Nós: narrativa coletiva sobre a vivência sapatão”¹, realizado no ano de 2023, no Curso de Artes Visuais Bacharelado - FURG, assim neste outro momento temos como pretensão principal realizar uma pesquisa a partir da Reprodução Social - como um dos Fundamentos da Educação Ambiental - a fim de perceber de quais maneiras a vivência sapatão pode contribuir para alargar o campo dos Fundamentos da Educação Ambiental. Dessa maneira, o trabalho se ampara na perspectiva de Educação Ambiental Crítica (EAC)(Loureiro; Layrargues, 2013) e tem como fundamentação teórica bell hooks (2017), Audre Lorde (2019), Dri Azevedo (2023), Tamires Podewils (2019), Gloria Anzaldúa (2021) e Silvia Federici (2017). Para além disso, o estudo caracteriza-se como teórico - empírico, pois junto a revisão bibliográfica relacionada a temática também serão realizados diálogos com outras pessoas que se compreendem como sapatão, sendo essas conversas o fio condutor da escrita, pela qual pretendemos colaborar com a ampliação da área da Educação Ambiental.

2. METODOLOGIA

A metodologia que irá orientar a parte teórica de revisão bibliográfica é sustentada pelo método de estudo de Sérgio Lessa (2014) nomeado Leitura Imanente. A técnica idealizada pelo autor se baseia em orientar uma forma de estudo, neste caso referente à primeira leitura dos textos, a qual se propõe a ser utilizada para compreender aquilo que a escritora ou escritor entendia ao elaborar o escrito. Isso se faz por meio de uma leitura atenciosa na qual ao final de cada parágrafo se anota um resumo do que foi lido, podendo alcançar o objetivo de compreender a leitura e também articular a outras produções.

Já quanto aos diálogos, temos a escritora bell hooks como referência principal, a autora apresenta em seu livro Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade (2017), uma série de reflexões sobre educação transgressora, dentre elas em certo momento dialoga sobre a necessidade existente de que os educadores se posicionem como seres íntegros nos espaços educativos, por isso compreendemos que não haja uma separação entre o Ser que está na sala de aula e o que está fora dela. A partir dessa reflexão da autora elaboramos uma metodologia que se propõe a ser uma possibilidade para que as pesquisadoras e pesquisadores não se sujeitem a essa mesma cisão que por vezes vemos presente na academia, de um Ser que estuda e elabora sobre a

¹ Disponível em: <http://argo.furg.br/?RG001534257>.

realidade tentando estar de fora da mesma, e que com frequência acaba por invalidar outras maneiras de sentir e produzir o mundo. Fazemos parte da realidade que estamos nos propondo a estudar, percebendo isso podemos utilizar a produção científica como uma ferramenta emancipatória rumo a liberdade coletiva. Pois como hooks nos disse:

a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2017, p.174)

Assim, nessa metodologia temos como premissa nos aproximarmos na prática a bell hooks quando escreveu o seguinte trecho “[...] quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar” (2017, p.35), dessa forma iremos convidar pessoas que assim como nós se identificam como sapatão e realizaremos as conversas a partir de nossas vivências, para que quem se proponha a partilhar conosco possa sentir-se confortável em compartilhar também. A partir disso transcreveremos os diálogos e os mesmos retornarão às pessoas convidadas, para que aprovelem especificamente o conteúdo a ser utilizado nesta parte da pesquisa. Como também, durante toda a produção, deixamos explícito que as pessoas podem se retirar da pesquisa a qualquer momento, além de disponibilizar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes no qual apresentamos as etapas e direitos resguardados. A partir disso, as transcrições serão relacionadas ao levantamento teórico, possibilitando o embasamento e a complexificação do estudo no campo da Educação Ambiental. Nosso interesse com isso é que a pesquisa caminhe eticamente junto ao zelo pelas pessoas com quem dividiremos a autoria deste estudo. Dessa maneira, acreditamos que nossa escolha metodológica não se dá aleatoriamente, e sim tem muito a ver com o desassossego que compartilhamos junto de Podewils (2019) que, ao falar sobre o que impulsionou a construção metodológica de sua tese, escreve:

o nosso desassossego não esteve marcado pelo “por quê”, mas pelo “para quê?, para quem?”. A cultura só se perde na demência da quantidade quando não somos capazes de identificar que a produção de conhecimento, este que desenvolvemos nas universidades, precisa estar para além de nós mesmos. (Podewils, 2019, p. 23)

Assim, esta elaboração metodológica se propõe a caminhar por passos semelhantes, na expectativa de que ao tentarmos colaborar com o fim dessa cisão - que por vezes a academia estabelece para as pesquisadoras e pesquisadores - possamos quem sabe também colaborar para uma pesquisa que seja como Podewils (2019) também comenta: para além de si mesma. Com esse conjunto metodológico, temos a pretensão de delinear uma dissertação que sirva de produção teórica para subsidiar meios de retornar a sociedade apaziguando as sequelas enfrentadas pela comunidade sapatão, assim como contribuir para o alargamento da área da Educação Ambiental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento a pesquisa se encontra em desenvolvimento inicial, dessa maneira vale retornar aos caminhos já percorridos durante o TCC, pois é daí que parte o estudo que estamos dando seguimento atualmente. Nesse sentido, iremos

caracterizar brevemente a fundamentação teórica que sustenta a discussão proposta, assim temos o Professor Dr. Dri Azevedo que nos diz que “a sapatão é percebida no nosso território cultural como a lésbica que possui uma expressão de gênero que passeia por entre os gêneros e que desafia os comportamentos cisheteronormativos próprios das mulheres no mundo patriarcal” (2023, p.01). Junto a isso na elaboração de nossa pesquisa inicial (TCC), construímos o conceito nomeado Complexo Sapatão, que começamos a estruturar a partir da crítica que Silvia Federici (2017) faz a Marx quanto aos processos que permitiram a ascensão do capitalismo e que, ao falar do autor, comenta “[...] não encontramos em seu trabalho nenhuma menção às profundas transformações que o capitalismo introduziu na reprodução da força de trabalho e na posição social das mulheres” (Federici, 2017, p.118).

Com esse panorama a autora faz uma análise histórica a partir da ótica das mulheres sobre o processo de acumulação primitiva que permitiu a ascensão do modelo capitalista e aponta que esse foi sustentado por quatro pilares: a colonização, a escravização, os cercamentos e a caça às bruxas. Em sua obra, Federici dá embasamento a uma série de processos que levaram a uma nova articulação familiar que possibilitou o avanço do sistema capitalista. Nessa nova ordem a autora demonstra que, com a retirada das terras dos trabalhadores, a fim de apaziguar o homem europeu, entregam em seu local o corpo das mulheres. Já nas colônias, com interesse de replicar o sistema de opressão, temos o trabalho doméstico feito fundamentalmente por mulheres escravizadas, deixando de herança um trabalho mal remunerado e exercido principalmente por mulheres negras. É com esse cenário que retornamos ao foco de nosso estudo: o Complexo Sapatão. Para dar seguimento ao embasamento teórico do conceito que propomos vamos ao encontro novamente de Podewils (2019), que tendo Marx como referência comenta sobre o trabalho como a relação do ser humano com a natureza, essa relação constituindo a origem do ser social na linha materialista de análise da sociedade. Nesse sentido, a partir da barreira natural a sociedade vai se complexificando e se afastando da mesma.

Dessa maneira, podemos relacionar esse conceito ao cenário que Federici (2017) apresenta como a forma pela qual se estabeleceu o papel social da mulher para o Capital. Pois, a fim de colaborar com a manutenção do capitalismo vemos que há um interesse de que o dito papel social da mulher seja visto como parte da barreira natural, para que socialmente o trabalho de casar, procriar e criar futuros trabalhadores seja percebido como um instinto supostamente inato à mulher. É com esse pano de fundo que podemos começar a perceber que existem uma série de afastamentos da barreira natural. No caso deste estudo, temos como exemplo a comunidade sapatão que enfrenta um processo de opressão multifacetado ao passo que de alguma maneira não serve a manutenção do capitalismo e, assim, termina compondo mais um dos muitos grupos sociais que ameaçam a reprodução do Capital e por isso estão suscetíveis a diversas consequências.

Podemos então dizer que o Complexo Sapatão se baseia em que tanto pela sexualidade quanto pela gênero dissidência o ser sapatão na sociedade capitalista se encontra em um desses afastamentos da barreira natural, e justamente por isso enfrenta um conjunto de ações que empurram o grupo a um lugar de subalternização na sociedade capitalista. Com isso podemos retornar a próxima parte da pesquisa, pela qual vamos ao encontro da Educação Ambiental, pois percebam, em acordo, com Loureiro e Layrargues a Educação Ambiental Crítica:

é aquela que em síntese busca pelo menos três situações pedagógicas: a) efetuar uma consistente análise da conjuntura complexa da realidade a fim de ter os fundamentos necessários para questionar os condicionantes sociais historicamente produzidos que implicam a reprodução social e geram a desigualdade e os conflitos ambientais; b) trabalhar a autonomia e a liberdade dos agentes sociais ante as relações de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista; c) implantar a transformação mais radical possível do padrão societário dominante, no qual se definem a situação de degradação intensiva da natureza e em seu interior, da condição humana. (Loureiro, Layrargues, 2013, p.64)

Nesse cenário, compreendemos que uma pesquisa que se propõe a refletir sobre as especificidades da vivência sapatão alinhavada ao conceito de EAC de Loureiro e Layrargues (2013), se insere da Reprodução Social como um dos Fundamentos da Educação Ambiental, compõe a linha de pesquisa dos FEA ao permitir um estudo que contribui para o alargamento da área a partir de uma reflexão sobre um grupo social subalternizado na sociedade capitalista.

4. CONCLUSÕES

Compreendemos que refletir sobre conflitos sociais dentro do único Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Ambiental no Brasil pode acrescentar a EA, à medida que todo problema ambiental tem como fonte a vida cotidiana que se dá em determinado modelo produtivo, que como visto há pouco se baseia na desigualdade social, pois tal como falou Podewils “a história é feita por indivíduos, a história é constituída pela vida cotidiana e é nessa vida que buscamos enquanto educadoras e educadores ambientais - erigir alguma mudança” (2019, p.14). Percebemos então ser relevante produzir uma pesquisa que conecte os conflitos ambientais aos conflitos sociais, podendo contribuir para a complexificação de nossa pesquisa inicial, mas essencialmente com uma possível contribuição para o crescimento dos Fundamentos da Educação Ambiental a partir da Reprodução Social com uma reflexão aprofundada sobre a comunidade sapatão, possibilitando uma pesquisa que surge na vida cotidiana e que almeja retornar a ela amenizando suas sequelas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa : mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

LESSA, Sérgio. **O revolucionário e o estudo : por que não estudamos?** Sérgio Lessa.– São Paulo : Instituto Lukács, 2014.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Artigo

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. . **Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica**. Trabalho, Educação e Saúde (Impresso), v. 11, p. 53-71, 2013

Tese/Dissertação/Monografia **PODEWILS, Tamires Lopes. Educação Ambiental como complexo orientador da práxis humana: uma análise a partir de György Lukács**. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Rio Grande, 2019.